



JORNALISMO EM QUADRINHOS COMO NOVO GÊNERO JORNALÍSTICO – UM ESTUDO DO JHQ NA REVISTA FÓRUM

Eduardo Luis Mathias Medeiros¹

Iuri Barbosa Gomes²

Resumo

Este artigo analisa uma série de reportagens em quadrinhos que, desde o início de 2012, vem sendo publicada nas páginas da Revista Fórum. No Brasil, esta prática – jornalismo em quadrinhos, ou JHQ – começa a se estruturar como gênero jornalístico com algumas entrevistas e reportagens publicadas em jornais diários, e, a partir de agora, com a utilização desta linguagem nas reportagens apuradas e veiculadas na Revista Fórum. A partir do lançamento do livro-reportagem Palestina, Uma Nação Ocupada, de Joe Sacco, em 1994, começa-se a pensar um novo uso dos quadrinhos para o jornalismo. No entanto, o espaço apropriado em questão eram os livros-reportagens que Sacco e outros autores lançaram, utilizando a linguagem dos quadrinhos para reportar informações, bem como algumas reportagens já publicadas em jornais diários. Com a publicação desse tipo de reportagem em quadrinhos numa revista mensal brasileira, é possível começar a se pensar numa consolidação do JHQ enquanto gênero jornalístico no Brasil.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo em Quadrinhos; Gêneros do jornalismo, Revista Fórum.

Journalism in comics as new journalistic genre - a study of JHQ in Forum Magazine

Abstract

This article analyzes a series of comics stories which has been published in the pages of Forum Magazine since the beginning of 2012. In Brazil, this practice – Comics Journalism or JHQ – begins to take shape as

¹ Jornalista, professor universitário (Unemat), especialista em Comunicação Popular e Comunitária (UEL) e mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-UFMT).

² Jornalista, professor universitário (Unemat) e mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-UFMT).



journalist genre with some interviews and articles published in daily newspapers, and from now on, with the use of this language in the cleared reporting articles transmitted by Forum Magazine. From the release of the book-report Palestine, An Occupied Nation, Joe Sacco, in 1994, people begin to think of a new use for comics in journalism. However, the appropriate space in question was the book-reports that Sacco and other authors have released, using comics language to transmit information, as well as some articles already published in daily newspapers. With the publication of this type of comics stories in a Brazilian monthly magazine, it is possible to start thinking of a JHQ consolidation as a journalistic genre in Brazil.

Keywords: Journalism; Comics Journalism; Genres of Journalism; Fórum Magazine.

Introdução

O campo da comunicação e da informação atravessa um período de profundas transformações em sua lógica e funcionamento. Estas mudanças têm a ver com as transformações sociais, econômicas e culturais que o mundo sofreu e são condicionadas pela reorganização do capitalismo e pelo desenvolvimento de novas tecnologias. Com isto, as empresas de comunicação tiveram que se reestruturar e modificar seu modo de operação passando de uma lógica fordista para uma pós-fordista¹. Isto afetou não somente sua atuação com o mercado, mas também sua forma de produção de bens simbólicos, hibridizando e surgindo, a partir daí, novos gêneros.

Para enfrentar um mercado global e a circulação do capital em ritmo acelerado, essas organizações necessitaram de um grande volume de investimentos, para reduzir riscos e maximizar os lucros. Dessa maneira, foi necessário investir em tecnologia qualificada e otimizar o tempo e o trabalho para produzir produtos simbólicos mais atraentes e que geram mais lucros. Também foi necessário investir em um corpo de profissionais qualificados e adaptados à nova lógica de produção.

Assim, a notícia, ponto central da informação jornalística, sofreu alterações para acompanhar estas mudanças. Segundo Muniz Sodré (2001), a determinação de um produto cultural como a notícia tem mesmo a ver com a lógica do mercado e com a tecnologia intelectual implicada no jornalismo. Dessa forma, no jornalismo atual, a informação pública é marcada pelo valor de troca e consumida com tal naturalidade que este caráter mercantil passa despercebido.



Podemos conceituar a notícia como um relato jornalístico de acontecimentos tidos como relevantes para a compreensão do cotidiano. Este relato é uma forma narrativa, um modo específico que o jornalista utiliza para contar uma história. Para produzir uma notícia é necessário um conjunto de regras de produção, um código jornalístico que, embora criado e modificado pelos jornalistas, é capaz de submeter às técnicas. Esse código é fundamental para que a notícia seja globalmente legitimada como forma de conhecimento do tempo presente do cotidiano. Para que um fato ou acontecimento se transforme em notícia, é preciso que tenha sido recentemente apurado, imediatamente publicado e distribuído a sociedade globalⁱⁱ.

Ao selecionar um fato como noticiável, o jornal obtém a adesão de certo número de leitores, que vai constituir o seu público consumidor. Impondo-se como empresa comercial, o jornal transforma esse seu público em modelo de todo público-leitor, e suas regras de produção de notícias estendem-se por intertextualidade a outras empresas jornalísticas (Sodré, 2001).

A quantidade e a variedade dos dados obtidos com a transformação das técnicas, por exemplo, levou o jornalismo mudar a forma de apresentação do texto noticioso, com o objetivo de transmitir o máximo de informação com um mínimo de custo e de esforço de consumo por parte do leitor. A pressão das novas tecnologias informativas obriga o jornalismo a transformar os seus textos, inclusive a notícia, que passa a comportar diagramas, resumos, quadros, imagens e infográficos.

As transformações hoje como no passado devem-se às complexas relações entre as novas tecnologias da informação e a atividade jornalística, às interações comunicacionais que levam o texto de um *medium* a provocar mudanças no outro, e também às pressões do mercado consumidor que incitam o jornalismo a fazer leve e agradável o texto, compatibilizando-o com a atmosfera sedutora do consumo. O caráter mercadológico do texto jornalístico é, portanto, vetor de mudanças. (Sodré, 2001, p. 148-149)

A partir dessas transformações que o jornalismo sofreu não implicaram apenas na apresentação do seu texto noticioso, mas começaram a aparecer novos gêneros, ou seja, novas formas que o jornalista busca para se expressar, definidos no estilo, na língua, na utilização de novos recursos que ajudam no relato da informação. Essas novas formas de expressão jornalística se definem pelo estilo e assumem expressão própria pela obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora.



É neste contexto que se insere a prática do *jornalismo em quadrinhos*, aqui identificado como JHQ, numa revista mensal – no caso, a **Revista Fórum**. Foram analisadas, em termos de conteúdo e de linguagem, as edições nas quais foram publicadas reportagens em quadrinhos, sendo levado em consideração o aspecto social das pautas abordadas e a linguagem utilizada para reportar a informação.

Gêneros Jornalísticos

Conforme José Marques de Melo (2003), o estudo dos gêneros jornalísticos começou já no século XVIII, onde o editor inglês Samuel Buckeley decidiu pela separação entre *news* e *comments*:

Desde então, a mensagem jornalística vem sofrendo mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinam as suas formas de expressão, mas, sobretudo, em função das alterações naturais com que se defronta e a que se adapta a instituição jornalística em cada país ou em cada universo geocultural. (Melo, 2003, p. 42)

O jornalismo mundial não é uma entidade unificada; nos Estados Unidos, por exemplo, somente utilizam-se dois gêneros *comments* e a *story*. No entanto, em países latinos são normais divisões em mais de dois gêneros. Essa diferenciação entre relatar ou comentar um fato, que se divide, historicamente, em categorias intituladas de jornalismo informativo e jornalismo opinativo que emerge dessa necessidade de distinguir os fatos de suas versões e delimitar os textos que contém opiniões explícitas.

Os gêneros surgem da correspondência dos textos que os jornalistas escrevem em relação às inclinações e aos gostos do público. Ou seja, o estilo jornalístico está ligado na tentativa de fazer o relato do cotidiano com uma linguagem capaz de ser compreendida pelo seu público, utilizando de recursos próprios e adequados para expressar esses acontecimentos diários.

Assim, se os gêneros são determinados pelo estilo e este depende da relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, aprendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente, seguindo Melo (2003), que sua classificação restringe-se a universos culturais delimitados. Portanto, em cada cultura, podemos notar uma classificação de gêneros diferentes, como citado acima o exemplo dos Estados Unidos e de países latinos.



No jornalismo brasileiro, o primeiro pesquisador a se preocupar com os gêneros foi Luiz Beltrão (1959)ⁱⁱⁱ. Na época, ele dividiu os gêneros em três categorias: Informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem); Interpretativo (reportagem em profundidade) e Opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor). Beltrão sugere uma separação dos gêneros segundo as funções que desempenham junto ao público leitor: informar, explicar e orientar. Ele encontrou esses gêneros na época observando como os jornalistas brasileiros utilizavam para se expressar nos veículos de comunicação.

Após Beltrão, outro pesquisador que se interessou pelos gêneros no jornalismo brasileiro foi José Marques de Melo, que reatualizando aquele propôs a divisão em Jornalismo Informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e Jornalismo Opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta). Para Melo, o jornalismo articula-se em função de dois núcleos de interesse: a informação (saber o que se passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que se passa). Duas modalidades: descrição e a versão dos fatos. Estes eram os gêneros mais recorrentes nos veículos de comunicação brasileiros.

Mais recentemente, a pesquisadora Lia Seixas (2009) uma pesquisa onde redefine os gêneros jornalísticos, inclusive diferenciando entre gêneros jornalísticos e gêneros do jornalismo. No entanto, este estudo contempla boa parte desses novos gêneros que aparecem no universo da internet, como por exemplo, *Twitter*, redes sociais, blogs e sites.

JHQ como novo gênero

O jornalismo e as histórias em quadrinhos há tempos mantêm uma intersecção, um liame que vai além das tirinhas publicadas nos cadernos de entretenimento dos jornais impressos ou em revistas. A partir do lançamento do livro-reportagem *Palestina, Uma Nação Ocupada*, de Joe Sacco, em 1994, começa-se a pensar um novo uso dos quadrinhos *para* o jornalismo: construir narrativas informativas tendo como suporte a *arte sequencial* (Eisner, 1999).

Entende-se aqui que a união de jornalismo com quadrinhos proposta por Sacco e outros jornalistas se mostra como uma espécie de vanguarda^{iv} para o próprio fazer jornalístico, que, com a popularização da Internet, vê-se numa suposta crise de identidade. Não se quer aqui entender o *jornalismo em quadrinhos*, ou



JHQ, como a panaceia para os males que afligem a profissão – vendas em baixas, redações enxutas ou não obrigatoriedade do diploma^v. Almeja-se lançar olhos para uma prática que tem se tornado recorrente e deixado de estar presente apenas em livros-reportagens, mas ganhando páginas de revistas mensais, como é o caso da Revista Fórum.

Porém, vale ressaltar que antes de constar nas páginas da referida revista, é possível datar minimamente a aproximação entre jornalismo e quadrinhos com caráter informativo: foi publicada em um periódico, em 1862, uma das primeiras histórias sequenciais com viés jornalístico^{vi}. Desde então, jornalistas e quadrinistas tem feito reportagens, entrevistas, biografias e notícias unindo jornalismo com quadrinhos. O italiano radicado no Brasil Angelo Agostini é um dos precursores da prática no país, tendo ele feito quadrinhos em sequência com legendas e diálogos (Buitoni, 2011).

É da união da apuração jornalística com a linguagem dos quadrinhos que surge o JHQ, entendido aqui como um novo comunicante, pois este “deverá trazer novos conceitos de forma, de relacionamento, de leitura, específicos e que informam a partir de sua própria *linguagem*, independente de qualquer representação verbal.” (SÁ, 1975, p. 31). A forma, o relacionamento – com o mercado e com os leitores – e a leitura – uma vez que é quase uma exigência o retorno a um tipo de leitura mais contemplativo – são notórios no JHQ.

Este *novo comunicante* se apresenta aqui como um novo *gênero jornalístico*, pois relatar uma história com uma sequência de imagens não é algo inédito. O que são algumas pinturas rupestres senão uma história sequencial? O diferencial é a intencionalidade e o caráter cultural na mescla de linguagens, na intenção comunicacional. Destarte, infere-se que o *jornalismo em quadrinhos* informa a partir da amálgama de duas linguagens que, *a priori*, tinham tudo para ser antípodas, mas que convergem para um ponto e criam uma *linguagem própria*.

Esta *linguagem própria* tem elementos em comum, mas que não se deixar ficar estancado: Joe Sacco, por exemplo, utiliza só de desenhos para narrar o que apurou, e na trilogia *O Fotógrafo*^{vii}, tem-se desenhos e fotografias em comum acordo no que diz respeito a informar através de imagens em sequência.

Que fique claro que o JHQ, como gênero, já existe há algum tempo no jornalismo mundial. Ele começou a ganhar terreno com os livros-reportagens acima citados, em especial os de Joe Sacco. No Brasil, esta prática começa a se estruturar como gênero com algumas entrevistas e reportagens publicadas em



jornais diários, e, a partir de agora, com a utilização desta linguagem nas reportagens apuradas e veiculadas na Revista Fórum. É a partir do surgimento desse tipo de reportagem em quadrinhos numa revista mensal brasileira que poderá começar a se pensar numa consolidação do JHQ enquanto gênero jornalístico no Brasil.

JHQ: Breve linha do tempo

Será feito a partir de agora um breve histórico do *jornalismo em quadrinhos* a partir da publicação/lançamento de reportagens/obras que se utilizam do referido modelo. Como já foi mencionado acima, é possível considerar a sequência de imagens feitas por um autor desconhecido descrevendo a Batalha de Torktown como a primeira reportagem em quadrinhos. Seguindo os moldes que Will Eisner (1999) descreve como arte sequencial, ela foi publicada em 1862. Outro nome que lista nos primórdios do JHQ é Angelo Agostini, desenhista italiano que em meados de 1880, no Brasil, fazia reportagens ilustradas contra a escravidão – também seguindo o que posteriormente foi deslindado por Will Eisner (1999).

Estas reportagens ilustradas foram publicadas mais de 100 anos antes da obra que é considerada um marco para o jornalismo em quadrinhos, *Palestina, Uma Nação Ocupada*, do jornalista maltês Joe Sacco. Antes desta, porém, outras obras com caráter jornalístico foram lançadas. Talvez a mais notória seja *Maus: a história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman.

O primeiro volume de *Maus* foi lançado em 1986. Trata-se da biografia que conta/ilustra vida do pai do autor, um sobrevivente do holocausto. Spiegelman constrói a narrativa de forma jornalística, com entrevistas, com relatos e de forma metalinguística – característica esta marcante e presente em todas as obras até então lançadas tendo como suporte o jornalismo em quadrinhos.

No que tange a retratar o cotidiano – matéria-prima de muitas notícias –, um importante nome é o de Robert Crumb, que anos 1960 contribuiu com essa humanização dos quadrinhos, experimentando com seus traços sujos um olhar mais crítico e incisivo sobre a realidade ao ilustrar por um período *American Splendor*, que inclusive ganhou um filme que trabalha na película a estética dos quadrinhos aliada à animação^{viii}.

Porém, foi Joe Sacco que fez com que a prática de apresentar reportagens em quadrinhos ganhasse notoriedade, principalmente pelo caráter emotivo de suas apurações nas quais a “mensagem organiza-se,



centralmente, na posição do emissor, marcado pelo traço indicial do pronome em 1ª pessoa, ao mesmo tempo em que envia seus sentires, lembranças, expressões...” (Chalhub, 2002, p. 17).

Sobre tal assertiva pode surgir questionamentos acerca da *objetividade*. Porém, em recente entrevista, Sacco deixa claro o seu posicionamento sobre isso:

Foi bem natural para eu pensar: "Estas são minhas experiências no Oriente Médio" e também vai ser meio autobiográfico. Não foi planejado que eu misturaria jornalismo com esse personagem em primeiríssima pessoa, que sou eu, mas acho que é uma boa coisa, porque deixa claro para o leitor que é uma interpretação pessoal e é uma interpretação. É um jornalismo bem subjetivo, em oposição ao que muitos jornalistas americanos se preocupam, que é a objetividade^{ix}.

Na perspectiva levantada por este artigo, acredita-se que é possível escrever uma reportagem com aspecto subjetivo sem, contudo, se afastar tanto da sobriedade da *verossimilhança do jornalismo* exigida, pois

Reproduzir o real, por intermédio da lente de aumento da imprensa, significa ser fiel aos acontecimentos, permitir que eles ganhem repercussão pública exatamente como ocorreram. Isso não exclui a possibilidade de o jornalista expressar os próprios pontos de vista (julgamento, valoração) sobre os fatos, em espaço apropriado no jornal (Melo, 2006, p. 38)

O espaço apropriado em questão são os livros-reportagens que Sacco e outros autores lançaram, utilizando a linguagem dos quadrinhos para reportar informações, bem como algumas reportagens já publicadas em jornais diários^x. E isso, frisa-se, sem deixar de lado todo um auditório teórico que sustenta o produto final. Aliás, o

ato teórico plano se realiza em referência a uma prática, e toda prática bem sucedida evidencia uma teoria a ela subjacente. A teoria informa a prática e este, em seu dinamismo próprio, constitui uma questão permanentemente posta à teoria. (...) Não é aceitável uma prática que desconheça seus fundamentos teóricos; talvez haja pouco valor e valia alguma em uma teoria que em nada explique uma dada prática (Polistchuk; Trinta, 2003, p. 18)



Joe Sacco também lançou *Palestina, Na Faixa de Gaza* (1995), *Área de Segurança - Gorazde* (2001) e o mais recente, *Notas sobre Gaza*, de 2011 – que demorou sete anos para ser concluído. Todos estes títulos serviram de inspiração a outros jornalistas e quadrinistas a se lançarem no campo das reportagens em quadrinhos. Trabalhos recentes, e já inseridos no contexto da Internet, apontam para maiores possibilidades de uso dessa ferramenta enquanto experimentação comunicacional.

Como exemplo é possível citar o site *Cartoon Movement*, que anuncia no cabeçalho ser *the Internet's #1 publishing platform for high quality political cartoons and comics journalism*. Ou seja: um site que recebe colaborações de todo o mundo e cujo foco são as charges o *jornalismo em quadrinhos* – em especial os de teor político. O lema do site é “Há mais que uma verdade” (*There is more than one truth*).

No *Cartoon Movement* é possível ler reportagens em quadrinhos de diferentes assuntos. Uma delas, *Inside the Favelas*^{xiii}, por exemplo, fala sobre a ação da polícia contra o tráfico de drogas em favelas do Rio de Janeiro por conta da Copa do Mundo em 2014 e pelas Olimpíadas em 2016. Feita pelo jornalista Augusto Paim e pelo ilustrador Maumau, a reportagem foi *publicada* em duas partes, seguindo o modelo tradicional dos quadrinhos e não utilizando dos recursos disponíveis numa página da *Web*, como a linguagem em *Flash*^{xiii}.



OUTRO EXEMPLO DE UM MODELO TRADICIONAL DOS QUADRINHOS, MAS QUE TRANSITA PELA INTERNET É A REPORTAGEM *THE LONDON OLYMPICS*, FEITA POR TOM HUMBERSTONE, E TAMBÉM DISPONÍVEL NO *CARTOON MOVEMENT*^{xiii}. DE FORMA CRÍTICA, ELE ILUSTRA A COMERCIALIZAÇÃO E A AÇÃO POLICIAL, ALÉM DE OUTRAS QUESTÕES QUE PASSAM POR UMA APURAÇÃO DE CUNHO CULTURAL E ECONÔMICO.

MESMO SE REFERINDO ÀS *COMPUTER GRAPHICS*, E EM UMA ÉPOCA NA QUAL MUITOS DOS AVANÇOS DE HOJE SEQUER ERAM IMAGINADOS, PLAZA (1993) ENUNCIA BEM O QUE VIVENCIAMOS ATUALMENTE: “O ENCONTRO DA INFORMÁTICA COM OS SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO VISUAL PROMOVE UMA TROCA CULTURAL NO QUE SE REFERE À CONSTRUÇÃO, VEICULAÇÃO E VISUALIZAÇÃO DAS IMAGENS”. (PLAZA, 1993, P. 73)

O *comic journalist* Dan Archer^{xiv} aborda o potencial digital e interativo dos quadrinhos para contar histórias intrincadas. Há inclusive um site no qual são postadas experimentações nesse sentido, o *News Panels*^{xv}. É uma Hillary Clinton *em desenho* que anuncia: “*News Panels*: uma interface em quadrinhos para a leitura de notícias”. São poucos os exemplos disponíveis no site, mas nestes já é possível ver a união do jornalismo, dos quadrinhos e de *links* reportando o leitor a vídeos e a outros sites que ajudam a uma leitura não-linear – típica da Internet.

Os casos acima citados são exemplos de como o *jornalismo em quadrinhos* tem migrado para a Internet, para além dos livros-reportagens. Abaixo, a análise de como este novo gênero informacional se insere – como estratégia ou proposta jornalística – numa revista mensal brasileira, e como esta linguagem, não estanque, ganha outros matizes.

Revista Fórum

Dos livros reportagens às páginas da internet, o *jornalismo em quadrinhos* deu um salto no que tange à produção e distribuição de materiais – algo próprio do contínuo fluxo de informações na *Web*. Porém, é importante ressaltar que essa prática também permeia e ocupa espaços em jornais diários e revistas mensais. Para este artigo, analisa-se a **Revista Fórum**, publicação nacional que desde janeiro tem publicado a série



Figura 01: Capa da reportagem que abre a série *Jornalismo em Quadrinhos*

como esta, as demais pautas apuradas e publicadas na revista transitam pelo social, por questões de interesse público e que estão na agenda pública.

Linguagem

As ilustrações parecem ser feitas a partir de fotos e vídeos – mesma técnica utilizada, por exemplo, na trilogia francesa *O Fotógrafo*. Os desenhos lembram fotografias, e há em alguns casos fotos vetorizadas, ou minimamente modificadas em programas de edição, para que se assemelhem a desenhos. Um exemplo disso é a imagem da terceira página da reportagem “Genocídio das periferias de São Paulo: Na conta de quem?”^{xviii} na qual aparece a foto “Todos negros”, de Luiz Morier – que inclusive rendeu ao fotógrafo o Prêmio Esso de fotografia de 1983 (**Figura 02**).

Jornalismo em Quadrinhos, feita por Carlos Carlos (texto) e Alexandre de Maio (ilustrações). Essa é a primeira iniciativa de *jornalismo em quadrinhos* em revista no Brasil que se tem notícia.

Assim como nos exemplos impressos acima citados, as reportagens publicadas na Revista Fórum – que ocupam quatro páginas cada uma – se voltam para temas sociais. A reportagem que abre a série ^{xvi}(**Figura 01**), por exemplo, traz uma entrevista com Renata Nery, integrante de movimentos sociais (MULP e Terra Livre) e moradora do Jardim Pantanal, no extremo leste de São Paulo – local onde ocorreram remoções e despejos de várias famílias por causa da realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014.

A edição de fevereiro, por sua vez, aborda a *Cracolândia* ^{xvii}, reportagem na qual o entrevistado é Keitin Tardivo, usuário de drogas há 22 anos e frequentador da *Cracolândia* há 15. Assim



Figura 02: No detalhe em vermelho, foto de Luiz Morier manipulada para parecer um desenho

As quatro páginas que compõem as reportagens são construídas no que convencionalmente se chama de *quadrinho de página inteira* (Eisner, 1999). Esta se caracteriza por apresentar a decomposição do episódio ou da ação em segmentos. Nisto, a sequência imagética das histórias em questão não segue a linearidade tradicional dos quadrinhos – quadro a quadro, da esquerda para a direita.

Por se tratar de entrevistas, o *timing* do material publicado na Revista Fórum é diferente. Há um fluxo de tempo (presente e passado), e os *flashbacks* e reconstituições são apresentados com requadros, sendo estes utilizados como recurso narrativo (Eisner, 1999). Os requadros são muito importantes inclusive para o desenrolar do episódio retratado, já que o requadro é entendido como parte da linguagem “não-verbal” da arte sequencial.

Eisner (1999) explica: “Ao trabalhar com ações simultâneas, o requadro formal (traçado pesado) é usado para conter a ação do ‘agora’ e a ausência de requadro serve para conter o enquanto isso” (Eisner, 1999, p. 47). Essa distinção do tempo é uma característica dos quadrinhos, e nas reportagens da Revista Fórum fica evidente a utilização desse recurso para a construção da narrativa jornalística.



Contudo, o uso dessa ferramenta não é uma camisa de força: há reportagens em que ela é utilizada de forma mais tímida, e em outras sequer aparece – como é o caso da reportagem “Sistema carcerário no Brasil: solução ou tiro no pé???” , presente na edição de outubro da revista (nº 114).

É importante ressaltar que para que haja uma compreensão melhor da reportagem em quadrinhos, faz-se necessário um entendimento das imagens tanto por parte do jornalista-quadrinista como do leitor. É quase obrigatória uma interação entre ambos, pois

O sucesso ou fracasso desse método de comunicação depende da facilidade de com que o leitor reconhece o significado e o impacto emocional da imagem. Portanto, a competência da representação e a universalidade da forma escolhida são cruciais. O estilo e a adequação da técnica são acessórios da imagem e do que ela está tentando dizer. (Eisner, 1999, p. 14)

Destarte, a análise das reportagens publicadas na Revista Fórum possibilita inferir que há uma preocupação no suporte no qual será transmitida a informação – isenta da utópica objetividade. Os relatos são sucintos, nada muito extensos, mas precisos no que interessa a uma apuração jornalística. Estão ali presentes, mesclados em imagens e palavras, o *lead*, o gancho jornalístico e a humanização do relato.



Figura 03: Metalinguagem: marca registrada no JHQ, também presente nas reportagens da Revista Fórum

Há também a participação do repórter, tal qual Sacco e outros autores acima citados o fazem – até por um próprio engajamento da revista, que notoriamente foca assuntos de cunho social e deixa claro o seu posicionamento político. Essa participação do jornalista é, aliás, uma marca do JHQ. A metalinguagem, a inclusão do processo de construção da reportagem na própria reportagem, é, analisa-se, uma aproximação do repórter-quadrinista do leitor (**Figura 03**). E nisso fica evidente, inclusive, a quem lê a reportagem o posicionamento de quem está reportando a informação, o comprometimento social.

O jornalista José Arbex, no prefácio da obra de Joe Sacco escreveu para a edição brasileira do livro Palestina: “Um dos grandes méritos de Sacco – e daí o imenso poder de seus quadrinhos – foi o de ter dado visibilidade aos árabes “invisíveis” (Arbex, 2004, p. 10). Analisando as reportagens de Carlos Carlos e Alexandre de Maio nas páginas da Revista Fórum, podemos afirmar que eles seguem o mesmo caminho do



jornalista maltês, ou seja, dedicam-se em tornar visível o cotidiano esquecido dos excluídos que normalmente não ganham espaço na grande mídia.

Em Palestina, Joe Sacco desempenha um papel de resistência ao jornalismo ao se dedicar a tornar visível a face oculta de uma guerra, se dedicando a retratar o cotidiano daqueles palestinos cujas vidas são muitas vezes interrompidas pelo estourar de uma guerra. Uma cobertura diferente da realizada pelos correspondentes de guerra que se debruçam sobre pautas a respeito da movimentação das tropas, os impactos do conflito, resultados na política internacional, etc.

Nas sessões de *jornalismo em quadrinhos* da Revista Fórum, encontramos reportagens onde este cotidiano dos excluídos é apresentado e contado pelos seus próprios personagens. É o caso, por exemplo, da já citada reportagem sobre Renata Nery, integrante de movimentos sociais (MULP e Terra Livre) e moradora do Jardim Pantanal, no extremo leste de São Paulo.

Essas e outras reportagens que estão sendo publicadas neste novo formato de narrativa jornalística trazem em evidência a voz dos excluídos, vozes estas que na grande mídia fica impossível para que eles possam contar suas histórias, exceto aquelas onde aparecem as calamidades mais extremas de seu cotidiano.

Na sociedade, a função do jornalismo deveria ser de servir à comunidade em que está inserido com informações e esclarecimentos que possam contribuir para modificar a realidade de exclusão. Sendo assim, seu sistema de cobertura deveria estar voltado principalmente para aqueles que têm, dentro da sociedade, ameaçadas as suas condições mínimas de sobrevivência e os seus direitos como cidadão – os excluídos. Mas não é assim o que normalmente acontece.

Em pesquisa realizada em 2003, organizada pelo economista Marcio Pochmann, que mostra a exclusão social no Brasil, aponta que os excluídos são, hoje, 47,3% da população do país – cerca de 170 milhões de habitantes (Pochmann, 2003).

A pesquisa foi composta por sete indicadores para formar o índice da exclusão. São eles: pobreza, homicídio, emprego, escolaridade, analfabetismo, desigualdade e juventude – os números pesquisados são do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Sistema Único de Saúde (SUS). Esses excluídos são, em geral, os sem-terra, sem-escola, sem-alimentação, sem-saúde, sem direito à comunicação, sem condições reais de sobrevivência.



Refletindo sobre esta pesquisa, podemos ver que os milhares de Renata Nery e Keitin Tardivo contemplam este índice de excluídos que, além de estarem alijados dos bens materiais mínimos para sobrevivência, também estão exilados dos meios de comunicação. O espaço nesses veículos é restrito e a possibilidade de exercício de comunicar a sua identidade só acontece em situações limites, como em momentos de conflito ou de extrema calamidade cotidiana.

Segundo José Marques de Melo (2003), na sociedade, os meios de comunicação se movem na direção que lhe é dada pelas forças sociais que os controlam. A seleção da informação a ser divulgada através dos veículos jornalísticos é ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Assim, o que se decide publicar em cada edição privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e ainda omitindo diversos. É dessa maneira que o sistema de cobertura dos meios de comunicação espalha suas antenas para detectar os fatos a serem noticiados.

O pesquisador explica que se trata de uma de uma atividade organizada para garantir o acompanhamento do que está ocorrendo na sociedade.

O esquema de cobertura não implica na produção de matérias a serem difundidas, mas significa uma familiarização com os fatos e seus personagens, obtendo elementos que orientam as decisões jornalísticas da própria empresa. Trata-se de uma atividade que alimenta a estrutura informativa da empresa, prevendo fatos que poderão vir a acontecer. (Melo, 2003, p. 80)

O sistema de cobertura funciona como um fator decisivo na seleção das informações, pois ao privilegiar certas organizações ou núcleos da sociedade e ao omitir outras, a empresa praticamente marginaliza do fluxo noticioso vastos setores da vida social. Ou seja, exclui os grupos marginalizados e estruturam a cobertura no sentido de legitimar os núcleos de poder da sociedade, assumindo assim um caráter elitista, excluindo assuntos que estão mais próximos aos leitores e tratando de assuntos que interessam uma minoria.

No jornalismo praticado em nossos dias ainda resta essa preocupação de agradar o poder, de usar preferencialmente o poder como fonte de informação, de intrometer-se na vida privada das pessoas para ampliar a audiência. Raros são os profissionais atuantes na grande mídia que conseguem estabelecer, na sua produção diária, informação onde tragam os excluídos, a não ser, como já foi dito acima, em momentos de



conflito. Nas reportagens em quadrinhos publicadas pela Revista Fórum – e na grande maioria dos trabalhos neste gênero – podemos observar que o excluído passa a ser o protagonista, ele deixa de ser somente receptor para ser emissor da informação.

Neste contexto, que as reportagens em quadrinhos publicadas pela Revista Fórum são uma prova de que o excluído pode e deve ter seu espaço de clamor numa sociedade tão multifacetada como a brasileira. Um jornalismo comprometido com causas sociais que tem como função possibilitar o acesso e a participação das comunidades excluídas aos meios para produção de comunicação e que quebra com a concepção elitista do discurso tão propagado pelos meios de comunicação de massa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

EM TEMPOS EM QUE VALE A MÁXIMA “TUDO É IMAGEM”, O *JORNALISMO EM QUADRINHOS* SE APRESENTA COMO UMA NOVA FORMA DE REPORTAR UMA INFORMAÇÃO. O VERBAL CEDE ESPAÇO, MAIS AINDA, AO VISUAL. AS COMPOSIÇÕES MINUCIOSAS E INTRINCADAS DAS REPORTAGENS EM QUADRINHOS FEITAS HÁ TEMPOS POR JOE SACCO AGORA GANHAM NOVOS ADEPTOS NO BRASIL – EM ESPECIAL NA REVISTA FÓRUM, VEÍCULO ANALISADO NESTE ARTIGO.

ESTA NOVA PROPOSTA INFORMATIVA, NOVO *GÊNERO JORNALÍSTICO*, SUGERE UM EMARANHADO DE IMAGENS COMO UM CONTÍNUO TECIDO ILUSTRADO, UMA HISTÓRIA QUE EM SI MESMA CRIA UM TERRITÓRIO PRÓPRIO, MESCLANDO LINGUAGENS NA CONSTRUÇÃO JORNALÍSTICA A PARTIR DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE UMA COMUNIDADE (NOBLAT, 2003).

Não se trata de uma visão romântica da prática jornalística ou de uma mera experiência estética a partir de um produto informativo que se mostra como outra maneira de ler uma reportagem. Está-se diante da junção de linguagens que cria um formato próprio, mas não estanque, e que não necessariamente segue o horário de fechamento (*deadline*) das redações.

A experiência capitaneada pela Revista Fórum abre espaço para se discutir tal prática em veículos com abrangência maior que os livros-reportagens. Além disso, possibilita lançar um olhar acadêmico que teorize – ou pelo menos se inicie uma teorização – sobre estas reportagens, cuja característica informativa



EDIÇÃO ESPECIAL
LINGUAGENS E DISCURSOS DAS MÍDIAS
NOVEMBRO DE 2012



está inserida em um contexto em que há uma maior *fruição* comunicacional com a informação através das imagens – neste caso específico, dos quadrinhos.



BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Luís. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. Rio de Janeiro, Agir: 1959. (Reedição: EDUSP, 1992 – Coleção: *Classicos do Jornalismo Brasileiro*)

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

CAMPOS, M. F.; LOMBOGLIA, D. **Histórias em quadrinhos: uma manifestação de arte**. In: LUYTEN, S. M. B. (Org.). *Histórias em Quadrinhos: leitura crítica*, São Paulo: Paulinas, 1984.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, 2002.

CIRNE, Moacir da Costa. **A linguagem dos quadrinhos – o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1975.

_____. **Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1972.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. Tradução: Luís Carlos Borges. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FORTI, Pamela; Ribeiro, Igor; IGNACIO, Ana. **Morte anunciada**. In: *Revista Imprensa*, outubro de 2009. Ano 23, nº 250.

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. **Estética e comunicação de massa: uma introdução**. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*. Porto Alegre, Vol. 1, n. 1, p. 131-141, jan/jun. 1986.

IANNONE, Leila Renttroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. Ilustrações de Marco Perassollo. São Paulo: Moderna, 1994.

KELLY, Celso Otávio do Prado. **Arte e comunicação**. Rio de Janeiro, Agir; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1998.

LUZ, Rogério. **Novas imagens: efeitos e modelos**. In: *Imagem-máquina: A era das tecnologias do virtual*. André Parente (Org.). Tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.



EDIÇÃO ESPECIAL
LINGUAGENS E DISCURSOS DAS MÍDIAS
NOVEMBRO DE 2012



MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação: troca cultural?** São Paulo: Paulus, 2005.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_____. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

NEIVA JR., Eduardo. **A Imagem**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4ª edição. Coleção Comunicação. São Paulo: Contexto, 2003.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PLAZA, Julio. **As imagens de terceira geração, tecno-poéticas**. In: PARENTE, André (org.). *Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

POCHMANN, Marcio (org.). **Atlas da Exclusão Social no Brasil v. 2**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

SÁ, Alvaro de. **Vanguarda – produto de comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

SACCO, Joe. **Área de segurança – Gorazde – A guerra na Bósnia Oriental 1992-1995**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

_____. **Palestina: na faixa de Gaza**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

_____. **Palestina: uma nação ocupada**. 3ª edição. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação**. Livros LabCom. Série: Estudos em Comunicação. Covilhã, 2009



SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

WOO, Benjamin. **Reconsidering Comics Journalism: Information and Experience in Joe Sacco's Palestine.** Disponível em: <

[http://sfu.academia.edu/BenjaminWoo/Papers/401722/Reconsidering Comics Journalism Information and Experience in Joe Saccos Palestine](http://sfu.academia.edu/BenjaminWoo/Papers/401722/Reconsidering_Comics_Journalism_Information_and_Experience_in_Joe_Saccos_Palestine) >. Acessado em 02 de agosto de 2012.

ⁱ No modelo fordista, o trabalho nas redações se organiza pela lógica da divisão de tarefas como pauteiro, repórter, redator, diagramador, editor. No modelo pós-fordista, se tem um regime de flexibilização na estrutura do trabalho, onde o jornalista acumula funções, ou seja, propõe pautas, apura informações e redige as matérias, diagrama e faz edição do conteúdo, atuando em todas as funções que compõe a redação de uma empresa de comunicação. Essa mudança de um modelo fordista para o pós-fordista também altera o tempo da produção jornalística e potencializa as exigências comerciais pela maximização dos lucros.

ⁱⁱ Fato e notícia não são a mesma coisa. O fato é a matéria-prima para o produto notícia, que por sua vez, pode constituir-se em acontecimento para o público. É o fato ou o acontecimento que, por sua atualidade e seu interesse geral, torna-se jornalisticamente comunicável. No entanto, só se tornará notícia se este fato passar pelos critérios jornalísticos que tornam um fato notícia, como atualidade, universalidade, proximidade e proeminência e, após isto, por três fases que compõe o discurso jornalístico: produção, circulação e consumo.

ⁱⁱⁱ Ver MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

^{iv} Alvaro de Sá (1975) explica que o termo vanguarda “no campo do conhecimento e principalmente da comunicação [...] serviu para situar novas tendências que estivessem em oposição às vigentes, enfim tudo que cronologicamente aparentasse o novo.” (Sá, 1975, p. 13) Não que o JHQ fosse ou vá contra o jornalismo feito em 1994 ou atualmente, mas ele se mostra como algo novo no que diz respeito ao suporte usado para apresentar reportagens, entrevistas ou mesmo notícias.

^v “São muitos os sintomas que apontam uma falência múltipla dos órgãos jornalísticos: fim da Lei de Imprensa, desregulamentação do profissional diplomado, crescimento vertiginoso das mídias sociais, queda nas circulações de impresso mundo afora, migração de verbas publicitárias, cerceamento jurídico da liberdade de expressão, influência do Estado nos meios de comunicação... Se há um futuro incerto à espreita, um “novo jornalismo” precisa ser criado.” (Forti; Ribeiro, Ignacio, 2009, p.27)

^{vi} Feita por um artista desconhecido, a sequência de imagens, de fato, segue os padrões do que Will Eisner (1999) define como arte sequencial. A imagem descreve a Batalha de Torktown, inserida no contexto da Guerra Civil Americana. Esta, que pode ser considerada a primeira reportagem em quadrinhos, foi publicada no *Harpers Weekly* em 1862.

^{vii} São três livros que abordam uma expedição dos Médicos Sem Fronteiras no Afeganistão. A autoria cabe ao trio formado pelo fotógrafo francês Didier Lefèvre, pelo desenhista e roteirista Emmanuel Guibert e pelo diagramador e colorista Frédéric Lemercier. Os três volumes foram lançados pela Editora Conrad – a mesma que lançou as obras de Joe Sacco no Brasil – em 2006, 2008 e 2010.

^{viii} ANTI-HERÓI Americano. Título original: *American splendor*. Produção: Ted Hope. Direção e roteiro: Robert Pulcini e Shari Springer Berman. Distribuição: Fine Line Features, 2003. 1 DVD (100 min): son., color. Legendado. Port.

^{ix} Entrevista concedida quando da sua participação na Feira Literária Internacional de Paraty (Flip) 2011, no Rio de Janeiro, Joe Sacco explica sobre o alcance informativo ao unir jornalismo e quadrinhos. Vídeo disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=yF0cLAQBRys> >. Acessado em 07 de agosto de 2012.

^x É creditada a repórter Patrícia Villalba a primeira entrevista brasileira em HQ, no jornal O Estado de S. Paulo (Caderno 2-Zap, D9), em 9 de abril de 1999. In: < <http://revistalingua.uol.com.br/textos/22/artigo248228-1.asp> >. Acessado em: 14 de agosto de 2008. No dia 19 de agosto de 2007 Joe Sacco foi capa da *Folha +* da edição nº28627 do jornal Folha de São Paulo. A reportagem



Iraque, uma história [em quadrinhos], por Joe Sacco mostra o que o jornalista viu no Iraque quando conheceu um centro de treinamento militar dos Estados Unidos para os iraquianos.

^{xi} In: < <http://www.cartoonmovement.com/comic/18> >. Acessado em 14 de janeiro de 2012.

^{xii} Um exemplo do uso desses recursos é a HQ *Thunderpaw, in the ashes of fire mountain*. Não se trata de jornalismo, mas é um caso de como a linguagem da web pode ser usada nos quadrinhos. In: < <http://thunderpaw.co> >. Acessado em 12 de julho de 2012.

^{xiii} < <http://www.cartoonmovement.com/comic/41> >. Acessado em 18 de agosto de 2012.

^{xiv} Dan Archer explica isso num encontro no qual ele versa sobre JHQ tendo como pontapé inicial uma reportagem por ele feita em 2009 sobre o exílio do ex-presidente de Honduras, Manuel Zelaya. Teria tudo para ser um “mero” relato ilustrado, porém, partindo das premissas do jornalismo já mencionadas, Archer volta a 1990 e contextualiza todo o fato inclusive explicando como a participação dos Estados Unidos influenciou a referida questão. Disponível em: <

http://www.youtube.com/watch?v=Adjwk91hGWc&feature=player_embedded >. Acessado em 02 de agosto de 2012.

^{xv} Disponível em: < <http://www.newspanels.com> >. Acessado em 24 de novembro de 2011.

^{xvi} “Moradia digna, direito da população”. Disponível em: < <http://issuu.com/catracalivre/docs/pantanal> >. Acessado em 05 de outubro de 2012.

^{xvii} “Crack: caso de polícia ou se saúde pública?”. Disponível em: < http://issuu.com/catracalivre/docs/cracolandia_-_forum >. Acessado em 05 de outubro de 2012.

^{xviii} Edição de agosto de 2012. Disponível em: < <http://catracalivre.folha.uol.com.br/2012/09/jornalismo-em-quadrinhos-sobre-as-mortes-na-periferia-de-sao-paulo> >. Acessado em 05 de outubro de 2012.